



Efetivamente, houve vários equívocos durante a rápida visita que realizou o Coronel Eleutério da Conceição aos poços petrolíferos de Maracaibo, Estado del Zulia, na Venezuela. Começando pela sua chegada ao aeroporto que, para sua desgraça, ocorreu meia hora antes da triunfal chegada do Primeiro Mandatário, em sua excursão proselitista com vistas às próximas eleições.

Em toda sua carreira profissional, o Coronel Eleutério havia viajado muito, gostava das missões em terras estrangeiras e, sempre que aparecia uma oportunidade, ele se oferecia imediatamente. Já tinha estado no México, Estados Unidos (mais de uma vez), Europa etc., mas era esta a primeira vez em que ia à Venezuela.

De sua inteligência não se pode dizer muito: era um razoável oficial de cavalaria, sem particular destaque. Não era estúpido, isso não. Mas sempre demorava em compreender as coisas que lhe explicavam. E, depois que as entendia — tão bem como qualquer um imediatamente esquecia tudo, mais rápido do que ninguém. O nosso bom homem não tinha boa memória.

Interessava-se por tudo: aviões, tratores, portos, estradas de ferro, alfabetização, malária — esses foram alguns dos assuntos em que se meteu, em virtude do seu posto de Coronel de Cavalaria. E agora, o petróleo. Depois disto, o Coronel estava pensando em realizar algum estudo mais intimamente relacionado a sua arma. Mas, para isso, havia tempo.

Claro que o Coronel Eleutério não entendia nada de petróleo. Quer dizer, não entendia mais do que o leitor ou do que eu, que sabemos que o petróleo se extrai de debaixo da terra, de uns poços; ou que os árabes decretaram o embargo contra os Estados Unidos e que Kissinger disse que, se embargassem outra vez, os *marines* ianques iam ocupar os poços para assegurar o abastecimento por que, segundo ele, não era admissível que os árabes fizessem com os

Estados Unidos o mesmo que os Estados Unidos tinham feito com o Chile e com tantos outros países mais.

Como se vê, o Coronel alguma coisa sabia, mas necessitava saber um pouco mais, porque havia sido recentemente nomeado para um alto cargo na companhia nacional de petróleo e a sua relativa ignorância fazia com que ele fosse muito pouco recomendável para o novo posto. Por esse motivo, o governo o tinha enviado para uma visita de inspeção aos poços da Venezuela, com a esperança de que ali aprendesse todos os segredos do ouro negro. Por isso, no seu avião, ia muito contente e conversador, e perguntava tudo a todos, especialmente às aeromoças, que já tinham até medo de passar perto dele.

— “A que altura estamos voando?”

— “Quais são as principais características do Boeing 727 B?”

— “Qual é o consumo de gasolina neste trajeto?”

— “Por que não substituem este Boeing por um Avro?”

— “Por que razão a IATA obriga a alugar os auriculares em vez de emprestar? Eu não acho justo assistir a um filme musical sem ouvir o som, e pagar eu não pago! Outra coisa: podemos escolher o filme, ou vamos ter que engolir qualquer porcaria que vocês passem?”

Às vezes, as aeromoças respondiam às perguntas do Coronel; outras vezes, simplesmente lhe forneciam panfletos para que estudasse por si mesmo as características do avião. Mas o Coronel não parava de fazer perguntas, em sua ânsia de saber tudo e tudo aprender. Como era Coronel, tinha o hábito de fazer interrogatórios, e começava a fazer perguntas também aos passageiros:

— “Onde é que o senhor vai? Qual é a sua nacionalidade? Em que é que o senhor trabalha? Por que não preferiu vir de navio? Quanto tempo pensa permanecer na Venezuela? Qual é a diária do seu hotel? Qual é a sua residência prevista?”

Às vezes se equivocava e, por força do hábito, perguntava:

— “Quais são seus contactos? Confesse um nome! Um nome, nada mais, e eu já me dou por satisfeito e vou interrogar esse outro colega seu, antes que entre no banheiro...”

Creio que o Coronel não fez muitas novas amizades no avião. Quando já estavam próximos a aterrissar, o Coronel instou o radiooperador a comunicar ao pessoal do aeroporto a sua presença a bordo. Sim, porque era de supor-se que teria uma recepção digna do seu posto, da sua missão e da sua pessoa. O radiooperador informou ao aeroporto mas, como resposta, não recebeu nada mais do que:

— “Supomos que a bordo estarão também 128 civis, além do seu Coronel...”

A Eleutério não lhe contaram essa resposta tão pouco delicada. O avião tocou a terra firme e o Coronel foi o primeiro em soltar-se

os cintos de segurança, o primeiro em agarrar suas coisas e, é claro, atropelou as senhoras e cavalheiros que estavam no corredor, até colocar-se em primeiro lugar para descer:

— “Com licença! Permisso! Com licença! Sai da frente!” ia dizendo, avassalador ou sorridente, dependendo da cara da vítima.

Baixou a escada e o Coronel ficou deslumbrado com o que pôde ver. Esperava uma recepção digna, mas jamais apoteótica! Em fila, aí estavam representantes das três armas, umas 1.500 pessoas entre oficiais, soldados e marinheiros, todos em formação, cada Arma tendo à frente uma pequena banda militar. Havia também uma enorme quantidade de civis acompanhados por suas esposas, e uma quantidade imensa de repórteres e fotógrafos. O Coronel contemplou a pista, encantado. Muito feliz, cumprimentou as aeromoças, sorridente, e não parecia ter nenhuma pressa em descer as escadas. Por isso, uma senhora decidiu-se a tomar a iniciativa de descer, mas o Coronel, severo, deteve-a com a mão:

— “Não senhora, não se apresse. Primeiro eu! Tem tempo pra tudo. Calma, calma que o Brasil é nosso!”

A dama não entendeu direito mas, como se tratava de um militar, resolveu esperar. Os demais passageiros começaram a se impacientar:

— “Vamos descer, minha gente! Que calor! Estão esperando o quê?”

O Coronel, sempre no alto da escada, não sabia que fazer. As aeromoças olhavam-no surpreendidas: que estaria pensando o Coronel? Que é que ele tinha?

— “É maluco...” murmurou uma das moças ao Comandante, que já tinha parado os motores e já se preparava para descer, também ele.

O Coronel sentiu a pressão dos passageiros que queriam descer, mas não estava acostumado a essas solenidades e não sabia como devia se comportar. Pensava que o mais certo seria que uma comissão subisse a bordo da aeronave, apresentasse a saudação das três Armas e então desceriam todos, ele e a comissão, ao som de marchas militares. Mas nenhuma comissão subiu, e o Coronel ficou perplexo:

— “Que é que eu faço?” perguntou ao Comandante.

Este, também assustado, falou com a voz bem doce, como é costume falar com as crianças e com os loucos:

— “Desça, Coronel, desça. O senhor vai gostar de Maracai-bo... tem um lago muito lindo, estradas muito compridas... jardins com muitas flores... Desça, Coronel, desça...”

— “Assim, sem mais aquela...?” indagou tímido o militar.

— “Sem mais aquela...” confirmou o Comandante.

— “Segure a minha mão” ofereceu uma aeromoça, que credi-

tava que ele estivesse sincera e irremediavelmente louco

Antes de aceitar o gentil oferecimento, o Coronel saudou os soldados e oficiais, civis e senhoras esposas, estendendo bem alto os braços. Estranhou não obter resposta. Estranhou que os fotógrafos não se movessem. Estranhou que as bandas não começassem a tocar seus clarinetes e tambores. Mas desceu as escadas, lentamente, solitário, tentando adivinhar quem seria o encarregado de apresentar-lhe as saudações do Governador. Mas ninguém se adiantou para saudá-lo.

Quando já estavam em terra firme, a aeromoça largou sua mão, assustada, e se afastou correndo:

— “A saída é por ali, por ali. Siga por ali, sempre em frente...”

O Coronel ficou calado uns minutos, olhando em volta, enquanto os demais passageiros se adiantavam para recolher suas malas, e o deixavam sozinho no meio dos militares que nem sequer olhavam para ele.

— “Deve haver um equívoco...” pensou inteligentemente o Coronel.

De fato, havia: outro avião recém-aterriçara e provocara uma mobilização infernal de repórteres, fotógrafos, músicos, uniformizados e civis com suas senhoras esposas que retocavam a maquiagem. Em posição de sentido, as três Armas começaram a executar hinos marciais, enquanto o Coronel se retirava cabisbaixo em direção ao depósito de malas e enquanto do avião presidencial descia o Presidente, nada menos, com as mãos erguidas — na verdade não tão alto como as do Coronel, mas sem dúvida com maior resposta popular.

O Coronel ficou ali no aeroporto, solitário, pelo menos umas duas horas. A comitiva do Presidente já se havia ido, os uniformizados já se haviam dispersado e o nosso Coronel não sabia o que fazer, aí sentado, olhando as poucas lojas abertas, os meninos engraxates, um ou outro vendedor que lhe oferecia tapetes ou outro artesanato popular.

Que fazer? Tomar um táxi? Para onde? Para um hotel? Qual? A quem telefonar? Não sabia. Não possuía nenhum endereço. Era de supor-se que alguém tinha que vir buscá-lo, e por isso não se havia preocupado com essa eventualidade. Estava desolado.

Estava muito triste o nosso Coronel quando se aproximaram dois homens, dois baixinhos, os dois de óculos, (desses que só os burocratas usam) e um deles disse:

— “Coronel Conceição?”

— “As suas ordens!” perfilou-se o Coronel aliviado.

Os dois lhe pediram mil desculpas: por um lamentável atraso nas comunicações só agora tinham sido informados da sua chegada. Pediam perdão, e lhe asseguravam que a sua estada em Maracaibo

seria sem dúvida gratificante, e que todos os funcionários do petróleo estavam à sua inteira disposição para satisfazer todas as suas necessidades ou desejos. O chofer se aproximou com o automóvel, no qual meteram o Coronel e suas malas, e partiram depois de fechar bem as janelas e de ligar o ar refrigerado: em Maracaibo, a temperatura de 37 graus pode ser considerada amena e os maracuchos quase vestem pullovers quando faz menos do que 30 graus. Mas o Coronel dizia que não se surpreendia com o calor. Nem com a neve. Com nada. Tinha estado em todas as latitudes e em todas as longitudes, conhecia todos os climas e todas as intempéries...

— “E de Maracaibo, o que é que o senhor conhece?” perguntou um dos burocratas.

— “Alguma coisa sei,” respondeu o Coronel enigmático. “Mas só o direi no momento oportuno...”

Ninguém entendeu nada, mas também ninguém se preocupou com isso, não pareciam nada curiosos, nem interessados. Continuaram mecanicamente mostrando-lhe a cidade, ou melhor, a estrada que conduzia à cidade, com a obviedade característica dessas ocasiões:

— “Estas são *residências* populares...”

— “Sei, sei: o que nós chamamos *favelas*”, disse o Coronel mostrando ter entendido.

— “Isso mesmo”, concordou um dos guias. “Favela, cantegril, barriada, villa-miséria, pueblo joven... a mesma coisa em toda a América...”

— “Slums!” acrescentou contente o Coronel, demonstrando seus conhecimentos — “Por lá também existe miséria...”

— “Estas são árvores...” informava o óbvio guia. “Esta é uma estrada muito comprida que vai dar nem sei onde... Daquele lado, uns edifícios; veja que quantidade de carros na estrada... Uma porção, não é mesmo? Essas coisas em cima dos edifícios são antenas de televisão. Parecem uma teia de aranha, não é verdade, Coronel?”

Ao Coronel tudo lhe parecia divino. Tudo o que na sua cidade lhe parecia perfeitamente familiar e normal, ali lhe causava uma grande admiração e surpresa:

— “Como é lindo Maracaibo. Que moças mais formosas. E que calor, caramba, que calor! Olhem: esse é um caminhão. Viu? Eu percebi logo que era. Esse é um caminhão Ford, sem sombra de dúvida...”

Já instalado em sua suite do Hotel Kristoff, o Coronel acertou com os seus guias o programa que cumpriria nos próximos dias: visita a todos os poços de petróleo, a todas as refinarias, ao oleoduto, às oficinas e escritórios, às moradias dos trabalhadores,

engenheiros e funcionários, enfim, o Coronel tudo queria visitar, pois que tudo queria aprender; tudo, absolutamente tudo!

— “Seria bom visitar também uma cidade fantasma.. disse o chofer, um moreno escuro que não tinha pronunciado uma palavra até esse momento.

— “Cidade fantasma?!” assustou-se o Coronel. “Bom, se houver tempo... como não? como não? Mas vamos todos sempre juntos, não é mesmo? Sempre juntos!”

— “Não se assuste, Coronel.., disse o chofer, tranquilizando-o. “Não existe ali nenhum fastasma, nenhuma bruxa...”

E explicou que assim se chamam as cidades que as empresas yankees tinham feito construir para a exploração do petróleo em certas zonas e que, depois de esgotados esses poços, eram abandonadas por todos que deixavam inclusive seus pertences pessoais em suas casas, suas geladeiras, móveis, copos e pratos, e os brinquedos das crianças, tudo, tudo aí ficava abandonado. Cidades que viviam enquanto existia o petróleo em seu solo e que morriam quando o petróleo acabava. Cidades múmias, cidades embalsamadas.

Embora interessante, a proposta não interessou muito ao nosso Coronel Eleutério da Conceição; mas, para não se mostrar descortes, aceitou o oferecimento, esperando que não se pudesse concretar.

— “Podemos também conversar com alguns sobreviventes de uma dessas cidades, que estão na miséria mais absoluta...” acrescentou o chofer.

— “A que partido político o senhor pertence?” perguntou o Coronel.

— “Não tenho tempo pra fazer política, Coronel. Eu trabalho 14 horas por dia, como é que vou fazer política?”

Combinaram que as expedições começariam no dia seguinte e deixaram Eleutério livre para fazer o que tivesse vontade. E foram eles, por sua conta, fazer o que tinham vontade eles.

Maracaibo não é uma cidade propícia para passeios. Como muitas cidades norte-americanas, estende-se sobre muitos e muitos quilômetros quadrados pouco habitados e, para quem não tem carro passear é uma impossibilidade real e definitiva. O Coronel caminhou uns dois ou três quarteirões, não viu nada que pudesse interessá-lo e voltou suando para o ar refrigerado do seu hotel.

Durante uma semana, o Coronel não descansou um único segundo, visitando tudo o que era possível visitar. Muito poucas vezes pôde falar com algum diretor ou com alguma pessoa um pouco mais importante que os seus dois guias, porque estavam todos ocupadíssimos com as próximas eleições e, quando muito, não faziam mais do que convidá-lo para um almoço ou ceia, mas tomando sempre o cuidado de não marcar o dia nem a hora. Seus

dois guias, ao contrário, estavam sempre ao seu lado, ainda que não entendessem muito bem uma pergunta que o Coronel sempre reiterava:

— “E os bosques? Aonde estão os bosques?”

Para que queria saber aonde estavam os bosques? Maracaibo não é uma cidade famosa por seus bosques. Os dois guias e o chofer lhe mostravam todas as árvores que encontravam pelo caminho. Ficavam muito contentes quando cruzavam com uma palmeira, um coqueiro, uma bananeira.

— “Olhe, Coronel: uma laranjeira!”

— “É pouco”, respondia lacônico o Coronel.

— “Olhe, Coronel: uma amendoeira!”

— “Pouco, muito pouco” seguia em seu laconismo o valente militar.

— Veja, Coronel: um álamo!”

E o Coronel esbanjava seus conhecimentos:

— “Um álamo... Ah, um álamo como os do Texas... O negócio do século! Vocês sabem qual ia ser o negócio do século? Não???”

E lhes contou a história do filho de um sheik árabe, (Sheik ou Sha ou simplesmente Sultão, não podia precisar com certeza) que visitou o famoso monumento da Independência do Texas, El Álamo, e escreveu ao pai pedindo que lhe comprasse esse monumento, como presente de aniversário. Seria um negócio de milhões de petrodólares! O velho Sultão, ou Sha, ou Sheik, encarregou a compra a um conhecido advogado estadunidense que, com infinitas precauções para não ofender a sensibilidade árabe, explicou ao Sha, ou Sheik ou Sultão, que nos Estados Unidos nem tudo está à venda, especialmente os monumentos históricos e algumas pessoas. Em troca, ofereceu-lhe comprar a maioria das ações de uma companhia de aviação, uma fazenda de milhares de hectares no Brasil, com todos seus camponeses incluídos, ou uma mina de cobre no Chile. Mas o Sha, ou Sheik ou Sultão não era um homem materialista e não se interessou por essas compras, e o negócio do século não se concretizou.

Todos se divertiram muito com a história, e isso entusiasmou o Coronel que seguiu, cada vez mais brilhantemente, exibindo seus conhecimentos:

— “Querem que eu lhes fale de hidroaviões? Existem coisas que eu entendo e coisas que não, por isso que eu estou sempre querendo aprender tudo. Os hidroaviões são minha especialidade. Uma das minhas especialidades!”

— “Ainda estão em uso, Coronel?” perguntou um dos guias.

— “Os hidroaviões são o futuro da aviação, jovem! Não se esqueça nunca disso! O futuro pertence aos hidroaviões. Porque não precisam de pistas. Todos os países estão gastando fortunas enormes

em novos modelos. Estados Unidos e Rússia. Esse... como se chama? O KLM e o Tupolev... Quer dizer, KLM não, essa é uma companhia de aviação... Será SST? Ou SAS? Não tenho muita boa memória, mas de hidroaviões eu conheço tudo, tudo! Posso explicar tudo que vocês quiserem..."

Essa foi a frase que os guias mais escutaram durante toda a semana: "Querem que eu lhes explique o que é a topografia? Querem que eu lhes explique a história das invasões holandesas? Essa é a minha especialidade! Querem que lhes explique algo sobre a cozinha baiana? Querem que lhes explique algo sobre..."

Não lhes saía da cabeça esse "Querem que lhes explique algo...?" E, em segundo lugar, "E os bosques? Aonde estão os bosques?"

Os dois guias já estavam saturados com os conhecimentos incompletos do Coronel, que iam desde a vida comunitária das formigas saúvas até as sobreviventes dinastias européias, desde os amores de Catarina da Rússia até os modernos sistemas de roldanas utilizados nos portos do Rio de Janeiro. Sabia tudo. Pena que sempre faltava alguma coisa, que invalidava seus conhecimentos e provocava terríveis equívocos.

Houve muitos equívocos nessa viagem do Coronel Eleutério da Conceição.

Finalmente, terminou a visita. O Coronel foi convidado, como um dos muitos estrangeiros presentes a Maracaibo nesse fim de semana, a participar de um banquete de despedida, ao qual devia comparecer o Prefeito que, no último momento, se desculpou por motivo de doença na família (a sogra padecia de uma terrível furunculose na parte mais alta da perna). O Prefeito enviou em seu lugar o Secretário de Transportes, um senhor já de certa idade.

O Secretário era um homem de grandes valores espirituais, mas com algumas carências físicas que o obrigavam a usar óculos duplos, isto é, dois pares de lentes na mesma armação, que lhe davam uma aparência de joalheiro ou relojoeiro, além de um antigo e algo volumoso aparelho para a surdez e, é lógico, uma discreta bengala que o ajudava a caminhar.

Quanto ao convite, é verdade que não foi muito formal, nem muito explícito: simplesmente um recado escrito pelo gerente do hotel e dirigido ao "hóspede brasileiro" sem maiores esclarecimentos. O Coronel não gostou nada dessa informalidade, mas menos mal: já estava muito preocupado com a ausência total de convites para ceias e banquetes, por parte das autoridades locais, demasiado absorvidas pela campanha eleitoral.

— "Hoje é o meu último dia em Maracaibo... vou aproveitar bem, e comer e beber tudo que puder e um pouco mais. Eu sinto que perdi uns 10 quilos, suando aqui nesta cidade. E vocês dois virão

como meus convidados especiais, é claro..., disse aos dois guias, evitando olhar na direção do chofer. Este, antes de se despedir, ainda perguntou:

— “Se quiser podemos aproveitar a tardezinha para alguma coisa; pode vir comigo visitar um supermercado pra ter uma idéia dos preços dos gêneros de primeira necessidade, do custo de vida... etc...”

— “Não, muito obrigado. Eu já tenho muitas idéias sobre muitas coisas. Prefiro descansar e me preparar para o ágape!”

O salão do hotel estava cheio. O caminho, do carro até a porta do hotel, era suficientemente longo para provocar cataratas de suor em todos os convidados. As senhoras iam a uma sala reservada pra refazerem suas maquilagens, os senhores tomavam aperitivos, e o coronel se agarrou no braço do Secretário de Transportes. É evidente que, para fazê-lo entender alguma coisa o coronel, que normalmente já era um homem severo acostumado a falar em voz alta, quase tinha que gritar, curvando-se belicamente sobre o ouvido do seu anfitrião.

— “Quer que eu lhe explique algo sobre as abelhas africanas?” perguntava aos gritos.

— “Não, não,” respondia o Secretário de Transportes. “Eu não me interesso por nenhuma classe de abelhas, e muito menos pelas negras...”

— “Está bem”, gritou Eleutério. “Porque eu entendo muito de abelhas. São a minha especialidade. Em compensação, de talheres não entendo nada! O senhor vai ter que me dizer que garfo, que colher, que copo tenho que usar. Vai ter que me ensinar, porque esta mesa me parece o balcão de um bazar!”

O Secretário estava visivelmente incomodado pela presença do Coronel. Por isso sentiu-se feliz quando chegou o momento de sentar-se à mesa, porque supunha que se sentaria bem longe do Coronel: uns papezinhos colocados diante de cada prato determinavam a colocação de cada comensal.

Ilusão vã... Como não encontrava o papelzinho com o seu nome, o Coronel, muito rapidamente, e ajudado pelos seus dois guias, mudou todos os papéis de lugar, fez com que se levantassem duas senhoras já colocadas em seus respectivos lugares, de tal maneira que, por azar, todos se acabaram sentando exatamente ao lado de perfeitos desconhecidos, e o Coronel ao lado do Secretário surdo.

Nesse momento, todos notaram que faltavam dois lugares, mas os garçons imediatamente corrigiram o equívoco.

Este foi, sem dúvida, o banquete mais fúnebre de que se recorda na cidade de Maracaibo. Todos sorriam, sem saber porque estavam ali. E quase não falavam. Eram, ao todo, uns dez casais de

venezuelanos e alguns estrangeiros: um amigo do governador, dois turistas norte-americanos, um diplomata italiano, uma jovem dinamarquesa sobrinha do cônsul de seu país e dois engenheiros uruguaios.

O Coronel, esse sim, falava pelos cotovelos, explicando a expedição Kon-Tiki à jovem dinamarquesa, o funcionamento das máquinas petroleiras aos dois engenheiros, Bismarck ao diplomata, e acidentes geográficos aos turistas. Ao Secretário, só lhe dirigia a palavra para perguntar:

— “E agora, o que é que nós vamos comer? E com que faca eu vou cortar essa porcaria? Vocês não usam sal na comida? Por que não importam vinho brasileiro em lugar do vinho francês? Não é bom, mas é de um país irmão. Que é que o senhor acha?”

No começo, o Secretário olhava para ele e sorria, na metade do almoço, o Secretário já não olhava mais na sua direção; na hora da sobremesa, apoiou os cotovelos em cima da mesa e, com a cabeça entre as mãos, fitou desconsolado o infinito. Estavam todos sinceramente muito tristes, menos o Coronel e os seus dois guias que comiam, comiam e repetiam cada prato duas e três vezes, e faziam voltar os camarões depois dos “crepe suzette”.

Ninguém fazia falar o Coronel. Ninguém.

— “Vocês me perguntaram o que é que eu sei sobre Maracaibo! Muito bem: eu acho que este é o momento oportuno. Eu vou lhes contar a história do campo de concentração nazista e do maracuco!”

E contou uma história demasiadamente conhecida na cidade: uma vez, num campo de concentração nazista, os soldados estavam queimando judeus num forno. Abriam a porta, metiam os judeus lá dentro e, depois de meia hora, abriam outra vez a porta e os tiravam de lá, completamente queimados. Um dia, por descuido, entre os judeus, meteram um maracuco dentro do forno. Meia hora mais tarde, quando abriram a porta para retirar os cadáveres, ouviram uma voz muito lânguida que pedia:

— “Por favor, fechem essa porta que faz muita corrente de ar...”

Era o maracuco!

Claro que ninguém riu. Uns, porque não falavam castelhano e ninguém se deu ao trabalho de traduzir a piada; outros, porque eram maracuchos e já estavam cansados de conhecer essa velhíssima história. Finalmente outros, porque eram judeus...

A história do militar não teve o êxito que se esperava. E o Coronel, que já tinha tomado vários copos de vinho, depois de vários aperitivos misturados com várias taças de champagne, sentiu um sono terrível. Para não dormir, pôs-se ainda mais falador e loquaz.

Terminada a ceia, todos se levantaram para tomar o café e se reuniram em pequenos grupos. O Coronel já se dispunha a participar simultaneamente de todas as conversas, quando o Secretário, furioso agarrou-o pelo braço e o levou a uma sala ao lado e, quase histérico, falando baixinho para não ser escutado, mas com um tom de gritos ferozes e selvagens para atemorizá-lo. disse bem na cara, agarrando-o com as mãos pelo paletó:

— “Escute aqui, senhor Coronel! Esta é uma reunião do Lion’s Club para comemorar a feliz coincidência de termos tantos Leões estrangeiros de visita em nossa cidade, e o senhor não é um Leão, e entrou aqui neste banquete não se sabe como, e arruinou tudo, e não permitiu que se fizessem os discursos de praxe, e trouxe dois dos seus acólitos que se puseram a beber e a comer como dois lobos famintos, e não calou a boca, e não parou de dizer disparates, e saiba o senhor que o senhor não foi convidado a esta ceia, e que pelos seus modos jamais o teria sido, e que eu apenas permiti que o senhor permanecesse neste agape em atenção ao seu uniforme, mas o senhor não merece essa atenção, e por isso faça-me o favor de tomar o seu café em absoluto silêncio, e vá embora daqui, e faça-me o favor de não regressar jamais a Maracaibo, e se possível a nenhuma outra parte do território nacional, e boas noites!”

O mínimo que posso dizer é que ele estava realmente furioso. Foi embora sem escutar as desculpas do Coronel:

— “Foi um equívoco... foi um equívoco...”

O Coronel estava completamente confuso. Desconcertado, regressou à sala aonde estavam os demais convidados que, como era lógico, trataram de fugir. Eleutério da Conceição, porém, ferido em sua dignidade, começou a bater palmas e agarrar a alguns pelo braço, e assim obrigou a todos a que o escutassem. Quando já estavam todos encurralados, fez um largo e emocionante discurso sobre a hospitalidade, sobre a história do Rotary Club e dos Boys Scouts (já que o Lion’s não era uma de suas especialidades...), sobre o hemisfério ocidental e a defesa do mundo livre e finalmente entrou em cheio no assunto, desculpando-se diante de todos pelo lamentável equívoco em que incorrera. Tomando a todos como testemunhas, ofereceu ao Secretário de Transportes pagar a sua conta (sua parte no banquete), e propôs dividir entre todos a parte correspondente aos guias, reconhecendo que haviam comido e bebido mais do que se poderia considerar normal e prudente.

Estava sinceramente emocionado, e a tal ponto, que comoveu o coração do boníssimo Secretário de Transportes, que declinou o oferecimento de colaboração monetária, ao mesmo tempo em que lhe oferecia um licor.

— “Primeiro o café, senhor Secretário, primeiro o café. Não

cometa essa gaffe. Alguma coisa eu sei sobre etiqueta... é a minha especialidade..."

E terminou sua arenga explicando aos convivas que o seu único desejo havia sido o de conhecer em profundidade todos os segredos do petróleo.

— "E já aprendeu tudo que precisava?" perguntou amavelmente o Secretário, um tanto arrependido de sua cólera.

— "Quase tudo, Ainda me falta saber qual é a produção total de petróleo em toda a Venezuela..."

O Secretário também não tinha a menor idéia, mas, depois de indagar em voz baixa aos dois guias, anunciou sorridente e feliz, cheio de patriotismo:

— "Nós produzimos três milhões e meio de barris de petróleo por dia."

— "Não é possível!" cortou seca e autoritariamente o Coronel. "Não mintam! Isso não pode ser verdade!"

Estava realmente furioso, e os guias intervieram alarmados, tentando acalmá-lo.

— "Nós juramos que é verdade, Coronel! A Venezuela é a terceira ou a quarta produtora de petróleo do mundo. Veja bem: a Arábia Saudita produz 7 milhões de barris por dia, depois vem o Kuwait que..."

— "Mentira! Mentira!" gritava aos dois guias, como se estivesse falando com o Secretário surdo. "Mentirosos! Isso não é possível!"

O diplomata italiano tentou intervir, mas não falava a língua; a dinamarquesa se entediava soberanamente, os dois uruguaios continuavam distraidamente tomando seus copos de vinho. Uma senhora sugeriu chamar a polícia. Os demais ficavam só olhando, enquanto os dois guias tentavam persuadi-lo:

— "É verdade. Acredite em nós, Coronel. Nós produzimos, sim, é verdade, nós produzimos três milhões e meio de barris por dia! Por que é que o senhor não acredita na gente, meu General???"

E nem sequer perceberam que o medo lhes havia feito aumentar a hierarquia do Coronel Eleutério da Conceição que, indignado, revelava toda a sua inteligência:

— "É mentira! Não pode ser verdade!" gritava. "Vocês não têm bosques para isso! Que produzem muito petróleo eu não tenho a menor dúvida: afinal, o petróleo está aí mesmo, debaixo da terra, basta abrir um poço que ele jorra para fora: sobe sozinho, com a pressão do gás, ou com o ar comprimido que se injeta. Mas aonde é que vocês têm os bosques e a infra-estrutura necessária para fabricar três milhões e meio de barris diários, para meter todo esse petróleo dentro??? Aonde estão os bosques? Os bosques???"

Os circunstantes olharam para ele, cheios de pena.

— “Na verdade... nós nos equivocamos... Eu acho que são muito menos barris...” contemporizou o Secretário.
Despediram-se todos e o Coronel foi dormir. Profundamente.

No dia seguinte, o Coronel tinha que voltar ao Rio de Janeiro. Tinha dispensado os serviços dos seus dois guias, preferindo arranjar-se sozinho. Continuava tão aborrecido e nervoso com o episódio do banquete e com tantos outros equívocos, que perdeu as estribelas e começou a discutir com o funcionário da companhia aérea que, ao que parece, não queria deixá-lo embarcar no avião. O Coronel, fazendo alarde dos seus galões, embarcou resoluta e autoritariamente.

Por equívoco, esse avião ia a Barquisimeto, nada mais. É uma pequena cidade, muito linda... mas não tanto como o seu Rio de Janeiro...

NOTA — “Barril” é uma medida abstrata e não um objeto concreto; vale 160 litros.

Maracaibo — Venezuela